

K. O. DAHL

MORTE NUMA
NOITE DE VERÃO

Tradução de Miguel Caldas

Primeira parte

A rapariga da ponte

1

O cliente

Ela apercebeu-se logo de que havia qualquer coisa estranha naquele cliente, apesar do aspecto insuspeito – ou seja, reparou que alguém abria a porta, mas como a pessoa em questão se dirigiu para a estante das brochuras de férias e não para o balcão, Elise continuou a fazer o seu trabalho sem levantar os olhos. Estava concentrada no ecrã à sua frente, tentando organizar uma viagem a Copenhaga para uma família de três pessoas, enquanto a senhora ao telefone hesitava entre ir e vir de avião ou embarcar o carro pela companhia Stena Saga e fazer a travessia no *ferry*, já que assim, quando chegassem, poderiam usar o veículo.

Elise olhou para Katrine e verificou que a colega também estava ocupada. Katrine estava com aquela ruga característica na testa que surgia sempre que se concentrava; os seus olhos saltavam do teclado para o ecrã, e as pestanas compridas e pretas moviam-se vagarosamente para cima e para baixo. Segundo Elise, eram como um leque elegante, ela que tinha um perfil bonito, com um nariz um tanto saliente por cima dos lábios pintados de vermelho, e aquele lábio superior que tanto cativava os homens por ser ligeiramente mais grosso.

Às vezes, Elise considerava que poderia ter sido mãe de Katrine. Ela lembrava-lhe a filha mais velha, apesar de ser muito mais espontânea e de se rir com facilidade. Porém, Elise sentia-a como se fosse sua e suspeitava que, provavelmente, Katrine se apercebia disso.

Quando o cliente se aproximou do balcão, Elise desligou o telefone, olhou para cima e preparou-se para o cumprimentar. Mas

como o homem a ignorou e preferiu postar-se em frente de Katrine, Elise voltou às suas tarefas, não deixando no entanto de reparar que Katrine o recebera com um automático «Que deseja?». Elise fez uma nota mental para que não se esquecesse de chamar a atenção de Katrine para aquele mau hábito. Formulou a repreensão para si própria: «Não digas “que deseja?” sem antes teres estabelecido contacto visual com o cliente. O cliente sente sempre que é importante, o centro do universo. Se alguém não lhe dá toda a atenção fica aborrecido, o que é uma reação normal.»

Pelo canto do olho, Elise viu Katrine a tirar os auscultadores que tinha postos e dizer qualquer coisa que não conseguiu ouvir. Foi o que aconteceu depois que lhe ficou gravado na cabeça. O cliente era um homem relativamente alto, que tinha o que Elise gostava de chamar «vulgares ornamentos de totem». Vestia um colete de couro preto por cima do tronco nu e estava bronzeado. As calças de ganga estavam gastas e com buracos nos joelhos. Apesar de parecer já ter passado os quarenta anos, usava o cabelo grisalho e comprido, apanhado num rabo de cavalo de mau gosto, e um brinco de ouro grosso numa das orelhas. Quando se esticou, Elise viu que tinha uma cicatriz enorme no antebraço. Em resumo, parecia um rufia.

O homem atirou-se sobre o balcão e tentou agarrar Katrine que, aterrorizada, se afastou empurrando a cadeira com os pés e fazendo-a bater violentamente contra a parede.

– Chame a Polícia! – gritou Katrine enquanto a cadeira se virava e ela caía de costas no chão, de pernas no ar. Por um instante, Elise deu por si a pensar que, naquela posição, a jovem parecia ridícula, uma autêntica loura burra das comédias românticas dos anos 60. Mas não se deteve e saltou da sua cadeira para olhar o rufia com uma expressão muitíssimo autoritária que, mais tarde, não conseguiu reconhecer como sua. Só pensava: «Meu Deus, estamos a ser assaltadas!»

Naquele momento o tipo violento pareceu perturbar-se com a presença de Elise no escritório. Olhou-a de relance, mas concentrou-se novamente na rapariga deitada no chão. Então, assumiu uma expressão resoluta. Agarrou-se ao balcão como se pretendesse saltar, mas foi interrompido por Elise, que numa voz aguda gritou-lhe:

– Peço desculpa, jovem!

O rufia voltou a um estado de hesitação. Por fim, passados alguns segundos que mais pareceram largos minutos, ele mudou de ideias. Dirigiu-se para a porta e, com um olhar feroz, gritou para a rapariga loura que tentava pôr-se de joelhos.

– Fazes o que eu te digo, percebeste?

A porta bateu atrás dele.

Elise ficou boquiaberta, a olhar fixamente o espaço vazio. Nada parecia diferente: era a mesma porta na mesma sala; no entanto, havia qualquer coisa na sua perceção que mudara.

– O que foi isto? – exclamou Elise sem perceber muito bem o que acontecera.

Katrine conseguiu levantar-se, atirou o cabelo para trás, pôs as mãos nas ancas, ajeitou a saia e contornou o balcão a coxear. Perdera uma sandália e, assim mesmo, apressou-se na direção da porta. Trancou-a e encostou-se durante alguns segundos, com a respiração entrecortada, virando-se depois para Elise. Tinha os olhos muito abertos e o cabelo despenteado. Faltava-lhe um botão na blusa, que mantinha fechada com uma mão. Ali de pé, encostada, com a saia curta e o cabelo despenteado, dava ainda mais ar da filha patética com a qual Elise gostava de fantasiar. Elise permanecia imóvel. Na sala não se ouvia outro som além da respiração ofegante de Katrine, entretanto ultrapassado pelo telefone que começara a tocar, atrás do balcão.

– Não vai atender? – perguntou impaciente Katrine.

– Claro que não. Estás maluca?

De repente, Elise percebeu o exagero daquele comentário. Olharam uma para a outra e Katrine desatou a rir. Elise sorriu e questionou novamente:

– Meu Deus, quem era aquele homem?

Com o ambiente desanuviado, Katrine conseguiu relaxar os ombros.

– Oh, que chatice, acabei por me magoar a mim própria – disse com graça. – Dói-me o rabo. – Destrancou a porta, abriu-a e examinou a rua. – Ele foi-se embora de vez – informou, fechando a porta e regressando a coxear para trás do balcão. Curvou-se para apanhar a sandália que lhe caíra e levantar a cadeira tombada.

– Era alguém teu conhecido? – questionou Elise.

Katrine evitou-lhe o olhar. Inspirou, ajeitou a blusa, sentou-se e ajustou as costas da cadeira. Era óbvio que tentava raciocinar à pressa e decidir o que responder.

Elise esperou pacientemente, com uma expressão grave no rosto.

Por fim, Katrine resolveu-se:

– Acho que o assustei quando gritei para chamarmos a Polícia, não creio que volte. – A expressão do seu rosto foi dando, progressivamente, cada vez mais sinais de exaltação, à medida que a colega mostrava uma inabalável desconfiança na história que lhe estava a ser contada. – Elise! – começou a rapariga, prolongando as vogais. – Eu estou a falar a sério. Pensei que era só um cliente.

Elise não lhe respondeu. Observou-a incrédula e sentiu-se como uma professora cínica.

– Não sei que mais lhe posso dizer para que acredite em mim.

– O que é que isso significa?

Elise fitou Katrine, que lhe parecia estar a esconder de si um genuíno desespero. Foi naquele exato momento que Elise se lembrou das manhãs de domingo em que os filhos lhe mentiam sobre a hora a que tinham chegado a casa, vindos de uma noitada. Levantou-se devagar e caminhou pesadamente na direção da porta. Larga e corpulenta, encostou-se firmemente, de braços cruzados e uma atitude autoritária.

– Katrine...

– Hum? – Os olhos da rapariga eram de um azul inocente e vidrado, como os de uma criança, preparados para a luta.

– É seguro trabalhar aqui?

Katrine acenou lentamente com a cabeça.

– Porque eu tenho mais de cinquenta anos e quero permanecer no meu posto até aos sessenta e sete. Gosto de trabalhar numa agência de viagens e gosto das vantagens que isso me dá.

– Elise...

– Detesto ter de o dizer – continuou Elise. – Também não sei se consigo exprimir-me da maneira certa. Pensei que íamos ser assaltadas. Estou toda a tremer e dói-me a barriga.

Katrine inclinou a cabeça.

– Desculpe – pediu ela. – Mas eu não sabia...

– O homem que aqui esteve – interrompeu-a Elise, energicamente – era um rufia. Essa é a única palavra que me vem à cabeça para o descrever. – Elise não deu oportunidade a Katrine, que tinha levantado as mãos num gesto de defesa, para falar. – Nós nunca falamos o teu passado – insistiu Elise. No entanto, quando viu o efeito imediato das suas palavras, arrependeu-se. – Também não precisamos de o fazer agora, mas gostava de me sentir segura a trabalhar aqui. Tenho de conhecer mais detalhes, Katrine. Aquele cascata-grossa tem alguma coisa que ver com o teu passado?

Katrine sorriu com os mesmos olhos infantis a Elise que nunca escolhe morder a língua. Não devia ter feito a pergunta daquela maneira. Katrine lançou uma gargalhada nervosa e artificial antes de lhe assegurar:

– Não, Elise, não tem nada que ver com o que você chama de «o meu passado».

Elise percebeu que Katrine estava a mentir-lhe. Era por isso que Elise se culpava. Katrine mentira e agora tinham entrado por caminhos nos quais Elise não desejava percorrer. Sentiu que lhe faltavam as palavras e viu que Katrine tinha noção dessa fraqueza; pela expressão que a outra exibia, era óbvio que sabia que Elise se apercebera da mentira. Na sala reinava o silêncio. Katrine não fez por se retrair e Elise não queria fingir que aquela era só uma situação corriqueira. Decidiu interpor:

– Então, da próxima vez, ele pode muito bem atacar-me?

– Claro que não.

Elise inspirou.

– Isso significa que ele só está interessado em ti?

Katrine olhou de lado. Elise manteve-se à espera da resposta.

– Sim. Ele é uma pessoa do meu passado – admitiu, por fim.

Elise suspirou e fechou os olhos. De certa maneira, a confissão fora a coisa mais importante que acontecera naquele dia, mais importante ainda do que o incidente com o rufia. A confissão dava a possibilidade de restabelecer o equilíbrio entre as duas. A amizade delas não estaria mais em causa.

– Graças a Deus – agradeceu Elise entredentes, largando a porta e voltando para a sua cadeira. – Graças a Deus.

A campainha da entrada retiniu. As duas mulheres ficaram assustadas. Olharam uma para a outra e Elise sentiu a boca secar. Não era o homem.

As horas seguintes foram movimentadas, e ainda que fosse um dia de sábado completamente normal, com as tarefas rotineiras, as pesquisas no computador e os clientes indecisos, sempre que a porta se abria Elise não podia evitar os arrepios descendo-lhe pelas costas abaixo. Cada vez que soava o som familiar da campainha, avaliava de imediato o cliente e depois olhava de relance para Katrine, que, independentemente de estar ou não ocupada, parecia sempre preparada para qualquer que fosse o desafio, nunca desviando os olhos azuis.

Eram quase duas horas quando a sala regressou a uma acalmia. Elise rodou na cadeira, ficando de frente para Katrine, e inspirou profundamente na sua direção.

– Sei o que vai dizer. – Massajando as têmporas, Katrine decidiu-se a iniciar a conversa. – Queres que eu telefone à Polícia.

– Não achas que seria melhor? – perguntou-lhe Elise em voz baixa. – Ele ameaçou-te.

Katrine assentiu.

– Preciso de refletir um pouco – considerou.

– Katrine... – começou Elise.

– Por favor – retorquiu Katrine –, deixe-me pensar.

– O que é que ele queria?

Katrine não devolveu resposta.

– É um antigo namorado?

– Ele é capaz de achar que já tivemos alguma coisa, sim.

– Então serão ciúmes?

– Acredite, não tem nada a ver com amor – suspirou Katrine.

– Agora, ele e muitas outras pessoas são apenas sombras para mim. É estranho, mas até ele entrar por aquela porta tinha-me esquecido do seu aspeto.

– Como é que ele se chama?

Katrine teve de fazer um esforço para se recordar.

– Raymond – proferiu, passado um instante. – Imagine só, até disto me tinha esquecido.

– Mas o que é que ele queria?

Katrine pôs-se em pé.

– Prometo contar-lhe – asseverou. – Mas não agora. Preciso de ponderar bem; tenho de pedir ajuda a uma pessoa para saber como enfrentar esta situação.

Elise anuiu de novo.

– Ótimo – concordou. – O que vais fazer esta noite?

– Uma coisa que não me interessa nada.

Elise sorriu, julgando que Katrine se estava a referir ao namorado *skinhead*.

– Vais acabar com ele?

Katrine sorriu e negou com a cabeça.

– Com o Ole? Presumo que será ele a acabar comigo: mas sim, é com ele que vou sair esta noite.

– Aonde?

– Vamos a uma festa.

– Deve ser uma celebração e tanto, pelo teu entusiasmo...

– Essa é que é a questão – disse Katrine com um olhar pesado.

– Não tenho nenhum interesse em comparecer, mas tenho de ir.

2

O ambiente da tarde

Ole estava estendido no sofá e mudou de posição para ficar sentado. Era um sofá-cama dos anos 70 que Katrine comprara numa feira de velharias, com uma armação de pinho maciço e desconfortável e um assento tão baixo que era impossível apoiar as costas quando se estava sentado, o que o tornava bastante incómodo: ou se ficava deitado ou se sentava sobre as pernas cruzadas. Irritava-o que Katrine tivesse aquele sofá, obrigando todos os seus convidados a terem de se confrontar com aquele problema (deitamo-nos ou sentamo-nos?); sobretudo, punha-o fora de si que Katrine, quando ali se sentava, pusesse sempre as pernas por baixo dela, provocando uma intimidade física. Conseguia sentir a irritação a aumentar ao pensar naquilo.

Ouviu-se um apito na televisão. Alguém tinha posto na transmissão do jogo do estádio Stavanger Viking. Mas ele estava a ver o jogo do Molde FK contra o Stabæk. Porcaria de jogo. Katrine deambulava nua pela casa, com o cabelo molhado do duche, e baixou o volume sem avisar.

– O que foi agora? – perguntou-lhe Ole.

– Nada.

– Mas não posso ver televisão?

– Meu Deus, claro que podes. Mas baixa um bocadinho o som, está bem? Tenho de fazer um telefonema.

Depois saiu e fechou a porta do corredor com força. Os contornos do corpo de Katrine tornaram-se uma sombra pálida e turva por trás do vidro fosco. Ele conseguia vê-la a sentar-se ao lado do

telefone. Assim era Katrine no seu apogeu: nua, sentada, a falar ao telefone e a fazer os possíveis para que ele não a ouvisse. Um comportamento cheio de segredos que ele não suportava. Mas naquele momento não sabia o que lhe dava mais raiva: se a nudez serena dela, se o facto de Katrine ter fechado a porta com força, como se não lhe desse o direito de saber o que estava a fazer. Sentiu surgir dentro de si uma fúria repentina; levantou-se e abriu a porta com violência.

– Tu é que estás a gritar!

Katrine olhou para ele com o auscultador do telefone por baixo do queixo. Ele seguia com o olhar a linha do fio enrolado à volta de um dos seus seios. Parecia uma pose para uma revista masculina.

– E porque é que não estás vestida? – resmungou.

– Meu querido Ole, acabei de tomar banho.

– Mas podias ter-te vestido, não?

– Eu vivo aqui. Faço o que me apetecer.

– Mas eu agora também cá moro.

Katrine pousou o telefone e olhou para Ole com malícia.

– Geralmente não te incomoda se estou ou não vestida.

Levantou-se, tirou a toalha que estava pendurada num gancho na parede, e enrolou-se de uma forma teatral, semitapando os seios e cobrindo-se até meio das coxas; voltou a sentar-se ao lado do telefone, levantou o auscultador e olhou para cima:

– Contente?

– Não – disse Ole, ainda irritado por ela ter usado um tom desdenhoso: parecia estar a troçar dele.

Nesse momento, os olhos de Katrine faiscaram.

– Tenho de fazer uma chamada. Faz o favor de sair e deixar-me conversar em paz.

– A quem é que vais telefonar?

– Não tens nada a ver com isso.

Ole Eidesen sentiu o sangue a esvaír-se do rosto.

– Ah, não tenho?!

Katrine suspirou e cruzou as pernas antes de ajustar a toalha.

– Ole, já chega – avisou-o.

– Quero saber com quem vais falar.

- Porquê?
- Porque sim.
- Ole, eu nunca te pergunto a quem é que telefonas.
- Mas eu quero saber.

Ela suspirou e fechou os olhos.

- Porquê?
- Tenho esse direito.

Katrine semicerrou os olhos. Ele detestava quando ela o fazia, a vontade férrea que pressentia por trás daqueles olhos azuis e frios.

- Ole, não comeces. Tens de respeitar os meus desejos.

Agora também ele fechava os olhos por uns segundos. Não queria sentir aquilo, não o queria proferir em voz alta. Mas aconteceu. Foi incapaz de parar:

- Não é correto fechares-me a porta.
- O que é que disseste?
- Não me feches a porta.
- Sou eu que decido se quero estar sozinha – explicou-lhe Katrine, resmungando entredentes. – E todas as pessoas têm de respeitar isso. Tu incluído.
- Se estás a falar com outras pessoas, não estás sozinha.

Katrine respirou fundo. Olhou para a parede como se estivesse a contar para si própria. Depois gemeu e implorou baixinho:

- Ole, não continues. Estou farta de homens ciumentos!
- Quero saber a quem vais telefonar. Não tens o direito de ser tão reservada.

Katrine continuou, agora mais descontraída, quase a sussurrar:

- Ai não?

De repente, Ole deu um passo em frente. Antes de perceber o que estava a fazer, agarrou-a pelo cabelo obrigando-a a levantar-se.

- Ai! – gritou Katrine, cambaleando para a frente. Deixou cair a toalha; um seio macio roçou no braço dele.
- Larga-me – arquejou.

Tão depressa como a tinha agarrado, Ole largou-a, serenando.

- Desculpa – pediu-lhe, gaguejando e tentando abraçá-la. Mas ela tentava enrolar-se na toalha e empurrou-o, com lágrimas nos olhos.

– Rua! – ordenou-lhe.

– Desculpa.

Katrine pôs a mão no cabelo.

– És completamente doido.

– Já te pedi desculpa.

– E eu estou a pedir-te para saíres! – gritou-lhe Katrine. – Fora daqui. Tenho de fazer um telefonema.

Ole, estupefacto, voltou para a sala.

– Não tens o direito de guardar segredos de mim – murmurou.

– Não tens esse direito, porra!

– Rua! – sibilou Katrine. E atirou mais uma vez com a porta.

Ole sentou-se a olhar para os contornos do corpo dela através do vidro fosco. Viu-a recompor-se, levantar-se e ficar em frente ao espelho de costas para ele e andar de um lado para o outro. Seguiu a silhueta quando ela se sentou ao lado do telefone e levantou o auscultador. Observou como a linguagem corporal dela mudara: puxava a cabeça para trás e penteava-se com a mão, com movimentos longos e pausados. A voz dela era baixa e terna, uma voz que usava para falar com as outras pessoas, articulando palavras que ele não conseguia perceber, embora pudesse ouvi-la rir. As brasas do ciúme ardiam em fogo lento dentro das entranhas de Ole. Queria saber com quem é que ela estava a falar. Ela não podia fazer-lhe isto. Ela nem sabia o que lhe ia acontecer, se continuasse com aquele joguinho.

Na televisão, a multidão gritava. Ole Eidesen viu a repetição da jogada em câmara lenta. Frode Olsen esticou-se no ar, quase na horizontal, e tocou na bola com três dedos, desviando-a para cima da barra. Um jogador de azul do Molde FK levantou os dois punhos numa demonstração de descontentamento aos espectadores. Ole não estava interessado. Não conseguia deixar de pensar em Katrine, que terminara a primeira chamada e se preparava para fazer novo telefonema. Sentia um frio opressivo no peito. Estava a traí-lo. Há distância de três metros, Katrine traía-o. Ali mesmo, à frente dos olhos dele.